




História 4

# Uma escola acolhedora






Aluna do 1º ano

**Rebeca Vitória da Silva Nascimento**

7 anos

É importante lembrar que boas práticas pedagógicas dentro da sala de aula também dependem de um fator importante: a gestão escolar. Um bom educador em sala de aula pode fazer um bom trabalho. Mas, sem dúvida alguma, isso se potencializa quando a escola toda trabalha em equipe, quando a gestão escolar se posiciona como parceira de seus educadores e funcionários. Nesta última história, o leitor irá conhecer o trabalho que vem acontecendo na EPG Chiquinha Gonzaga, que está baseado em uma proposta pedagógica bilíngue e inclusiva. Serão contadas as experiências em relação a duas crianças ali matriculadas: Rebeca, que é surda e assiste aulas na classe comum, com o auxílio de um intérprete; e Everton, um garoto com síndrome de Down, que adora dançar e cantar. Essas narrativas são das educadoras de sala comum, de AEE, da diretora, da vice-diretora e da coordenadora pedagógica da escola. Trata-se de uma equipe coesa, unida, que atua em um ambiente onde todos os alunos são responsáveis de todos os profissionais que ali trabalham. O acolhimento, na EPG Chiquinha Gonzaga, é palavra de ordem. Afinal, escola é lugar de gente se sentir bem.



Aluno do Estágio 1

**Everton Carlos da Silva**

5 anos





Diretora  
**Darci Medeiros  
Santana Bolou**



Vice-diretora  
**Ana Carolina  
Reche Clemente  
Soares**



Coordenadora  
pedagógica  
**Andréia Costa  
Borges**



Professora de AEE  
**Luciana Santana Silva Amaral**



Professora de sala comum  
**Valdinéia Joana Dias**



Professora de sala comum  
**Mônica Ramos de  
Souza Santos**



## “O trio gestor deve estar em sintonia”

Eu acho que o gestor na escola é um alicerce, mas, prioritariamente, ele precisa estar totalmente integrado com o trabalho da vice-direção, da coordenação pedagógica e dos educadores. Se as orientações em um ambiente escolar vierem sempre de cima pra baixo, não funcionam. Aqui em nossa escola a demanda de crianças com deficiência tem sido grande, pois as famílias falam umas às outras sobre o que fazemos aqui. Em 2012, sentamos todos juntos para pensar sobre o trabalho do ano seguinte em relação ao tema. Essa é uma grande preocupação nossa: promover estudos, leituras e formação de educadores no nosso plano de ação, além de trabalhar com a comunidade. O gestor tem que estar em diálogo constante, gerenciar as várias demandas, porque, afinal, todas são importantes.

Nós nos aprofundamos nas questões mais delicadas que implicam na inclusão escolar mesmo com o tempo curto. Procuramos meios pra formar as famílias e os educadores. Aproveitamos todos os momentos possíveis. O dia do conselho participativo é um exemplo. É um momento que dedicamos para dar formação às famílias porque, para participar, o conselho precisa de informação. E a questão da inclusão é algo recente. A discussão no vazio não dá em nada, mas agora já podemos discutir e trocar com esses pais.

Tivemos alguns ganhos no meio do caminho em relação a ter mais tempo de estudo e formação, como a Hora-Atividade estendida e o replanejamento no meio do ano (que ocupam dois dias inteiros). Outra questão positiva, no meu entendimento, foi a possibilidade de conhecer as crianças no início do ano antes de fazer o planejamento (para o qual temos dois dias). Isso é fundamental porque a gente pode conhecer as crianças e analisar como elaborar o planejamento de forma significativa. Nossa coordenadora elaborou um roteiro de trabalho para que, nesse início, os educadores pudessem identificar os saberes que as crianças traz e o que esperamos em cada etapa. Isso permite um planejamento mais consistente e nos mostra também as demandas em relação à educação inclusiva. Também fazemos formação nas quatro reuniões de pais realizadas ao longo do ano. Aqui na escola, como temos alunos surdos, nossas HAs são formativas, sendo uma para aprendermos a Língua Brasileira de Sinais (Libras), uma para planejamento e a terceira para formação. Nesses momentos, discutimos os temas que a coordenadora traz. É um processo bem democrático, ela ouve e procura abordar na formação as necessidades dos educadores.

O trio gestor precisa sempre estar em sintonia para que a escola funcione bem. Aqui, é assim: se um educador perguntar algo para qualquer uma de nós três, a resposta será sempre a mesma, pois temos a mesma concepção de educação e de ser humano. A vice-diretora e a coordenadora são pró-ativas, não ficam esperando que eu tome decisões, pois elas têm autonomia para trabalhar. Para que isso flua, nós nos reunimos semanalmente para discutirmos absolutamente tudo o que é importante. Nós três compartilhamos dos mesmos ideais, gostamos de fazer formação, defendemos a inclusão escolar e tratamos educadores e funcionários da mesma forma, com respeito. Quem precisa de ajuda recebe, seja de quem for.



A construção da cultura inclusiva depende de formação de pais e educadores e do assessoramento que a rede de ensino tem oferecido. E isso dá frutos: tínhamos muito pouca participação dos pais e, na última reunião, vieram mais de quarenta, todos entendendo e participando deste processo de inclusão escolar!

**Darcy Medeiros Santana Bolou**  
diretora



Turma que estuda: a equipe pedagógica da EPG Chiquinha Gonzaga em Hora-Atividade.

## “Precisamos estar abertos”

A primeira coisa necessária para se ter uma escola inclusiva é o diálogo: com a comunidade, com a família, com os alunos, com funcionários, com a equipe pedagógica e com a Secretaria de Educação. Quando uma criança com deficiência é matriculada aqui, nós chamamos a família para que ela possa nos contar tudo o que julga importante antes de as aulas começarem. Este mês, por exemplo, um garotinho com paralisia cerebral começou sua vida escolar conosco. Sempre perguntamos coisas como



o que a família espera da escola; que características o aluno apresenta em casa; quais as dificuldades que a mãe ou o pai encontram; que coisas a criança consegue e gosta de fazer; ou se há necessidade de cuidados médicos. Esse é um momento importante também para vermos qual o olhar da família em relação ao filho e à deficiência.

Precisamos estar abertos para lidar com diversos perfis familiares. Há mães que são resistentes à inclusão, imaginando que a escola vai lhe sobrecarregar de demandas; há quem peça ajuda à escola, quem superproteja, quem quer fazer algo pelo filho e não sabe como. Precisamos acolher porque sabemos que principalmente o começo é difícil para as famílias e também para os educadores. Já passamos por casos complexos aqui, mas vamos em frente. Temos dois alunos que, quando chegaram à escola, fugiam, gritavam e não interagiam na sala de aula. A família de um deles era resistente ao tratamento médico; e a mãe do outro, muito protetora. Aos poucos, fomos ganhando as crianças e as famílias e já temos bons resultados.

O AEE dá um suporte importante e os dois estão melhor. Os pais do menino que precisava ir ao médico ficaram menos ansiosos e o tratamento começou. Ele toma um medicamento e melhorou bastante. Já a outra mãe está aprendendo aos poucos a ser menos dependente da presença do filho, porque tem confiado no trabalho que fazemos aqui. Antes, ela achava que qualquer um iria fazer mal à criança. Mas ela foi presenciando o modo como lidamos com o menino, o que ele tem aprendido, o quanto as crianças da turma dele gostam de cuidar. Esse é um trabalho de paciência. Acolher os pais faz uma enorme diferença porque eles vão percebendo que também precisam colaborar para o crescimento do filho. E isso ocorre mudando algumas atitudes em casa, como deixar de dar comida na boca da criança. Mostramos que autonomia é algo importante.

Para lidar pedagogicamente com essas questões, a coordenadora traz muitos materiais bibliográficos para discutirmos ou para apoiar a prática do educador. Contamos também com a educadora do Atendimento Educacional Especializado, que contribui com material teórico ou sugere atividades e estratégias para a sala de aula. Esse trabalho todo é feito coletivamente. Em equipe mesmo. Nós, do trio gestor, procuramos ser o exemplo de atitude que queremos ver nos demais profissionais da escola. Por isso, quando vemos uma mesa suja, a gente limpa. Se um educador se atrasa devido a um contratempo, a gente fica com a turma. Nossa prioridade é o aluno, é ele ser bem atendido. E isso inspira os demais. Assim, quando precisamos que alguém faça algo que extrapole sua função, a pessoa faz porque entende que é para o aluno e não porque alguém mandou. Nossa recompensa é quando a criança vem feliz para a escola, quando um educador se alegra com a conquista de um aluno ou quando uma mãe diz que não tiraria o filho dela daqui por nada.

**Ana Carolina Reche Clemente Soares**  
vice-diretora



# “Todos podem aprender”

O que embasa o nosso trabalho é a concepção da rede municipal de ensino. Entrei na rede em 2002, quando ela começou a ser expandida. Até então era uma rede muito pequena, havia pouco tempo de formação. A partir do meu ingresso, percebi que a educação inclusiva era um tema importante, pois aparecia em todas as formações. Com o tempo, a estrutura foi sendo melhorada também. Foi um processo lento, complicado, pois existia uma aversão muito grande por parte dos educadores em relação ao tema. Era muito mais aceita a ideia de escola especial. Hoje, convivendo com as crianças e trabalhando no dia a dia, a gente vê que a educação inclusiva é difícil, mas faz muito sentido.

Entendemos que todas as crianças têm condições de aprender. Na atribuição de salas, a gente procura alocar a criança com deficiência em uma turma que tenha um educador comprometido com sua aprendizagem. Levamos em conta a postura em sala de aula, o afeto, a questão da língua (no caso dos surdos) e a habilidade de lidar com situações mais críticas, como no caso de alunos que chegam apresentando agressividade. Também tomamos o cuidado de garantir turmas heterogêneas. Consideramos o perfil dos alunos, pensando que a classe tenha diversidade, de fato, de modo que não se façam turmas de “alunos fortes” e de “alunos fracos”, por exemplo.

Nos nossos momentos de formação, claro que discutimos a questão da inclusão, mas nosso foco não é só esse. Discutimos diversas questões que envolvem o trabalho escolar no geral, que tem a ver com o trabalho dirigido a todos os alunos. E o assessoramento, nesses momentos de estudo, é fundamental. É difícil sair do senso comum. Entre nós mesmos, vez ou outra, chegamos num limite de pensar estratégias e propostas diferentes para as crianças. Temos uma educadora de AEE na escola desde o começo de 2013, o que facilita muito. Uma coisa que as educadoras têm descoberto ao longo do tempo é que mais importa a criança, com suas características e dificuldades, do que sua deficiência. Isso tem um impacto positivo porque passam a enxergar o aluno como pessoa. Em segundo plano, vem a deficiência.

Estamos construindo atualmente o nosso Projeto Político-Pedagógico (PPP). Os educadores e alguns funcionários já estão respondendo às questões a partir das quais construiremos nosso PPP. A maioria dos funcionários concorda com a educação inclusiva: o pessoal da limpeza, por exemplo, que está bem perto no dia a dia, reconhece que a escola é um direito das crianças. E assim caminhamos, fazendo com que pessoas com deficiência sejam, em primeiro lugar, pessoas. Com isso, vemos transformações: educadoras comentando com alegria coisas que fizeram e que deram certo em sala de aula, ou sobre o jeitinho de ser da criança, suas capacidades. Isso requer muito trabalho e sensibilidade do educador, e exige do trio gestor que dê todo o apoio possível. Hoje, nossa escola trabalha na garantia do direito da educação para todos. Não é uma proposta fácil de se concretizar e percebemos que o apoio de outros atores da equipe pedagógica é fundamental e qualifica o trabalho do educador de sala comum.

**Andréia Costa Borges**  
coordenadora pedagógica





Libras para todos: Rebeca conversa em Língua Brasileira de Sinais com a sua melhor amiga na escola.

## “É possível uma escola bilíngue”

Desde 2010, temos surdos em sala de aula aqui na escola. Quando a primeira aluna chegou, não tínhamos Língua Brasileira de Sinais (Libras). Fui atrás de apostilas, pesquisei, falei com surdos e seis meses depois o educador de Libras chegou. A partir daí, a gente conseguiu ir aprimorando cada vez mais o trabalho.

Aqui, todos os funcionários têm aulas de Libras e recebemos uma formação mensal da Mais Diferenças para aprofundarmos os estudos. Na última formação, a gente fez um plano de aula que contemplasse alunos surdos e foi muito interessante, porque alguns educadores que não têm surdos em sala de aula perceberam que aquilo poderia ser trabalhado com todos. As atividades que desenvolvemos, pensando nessa peculiaridade não são apenas para crianças surdas, mas para todos. Em 2013, tive em minha sala de aula a Rebeca. Eu me preocupo em trabalhar com imagens, figuras e desenhos para propiciar a aprendizagem. Como a criança surda não aprende por meio de fonemas, eu procuro trabalhar com imagens e com as hipóteses que ela cria sobre a escrita da palavra. Mostro a imagem ou soletro em Libras para verificar se ela tem o conhecimento da letra ou da escrita do fonema.



E ela está aprendendo bastante. Rebeca chegou em 2012 com uma linguagem bem restrita. A comunicação dela era caseira: apontava e fazia gestos para tentar se comunicar. Como a gente já estava aprendendo Libras, ela começou a se comunicar melhor porque ensinávamos aquilo que já sabíamos da língua. Nossa grande preocupação – minha e da educadora dela em 2012 – era sinalizar corretamente para que ela aprendesse de forma correta e não adquirisse vícios que a prejudicariam depois. Havia um educador surdo que vinha uma vez por semana para dar aula de Libras para ela e para a família. Em paralelo, tínhamos aulas semanais, além da formação mensal sobre inclusão escolar dada aos educadores e à gestão. Os funcionários também estão aprendendo Libras em outro horário.

Desde que começou o trabalho, eu faço registros, para poder dizer aos outros educadores que não precisam ter angústia de construir uma escola bilíngue. Passar nossa experiência ajuda os outros educadores a derrubar mitos. Eu acredito na inclusão escolar, é assim que trabalhamos aqui. Para potencializar ainda mais esse trabalho, há pouco mais de um mês recebemos intérpretes em sala de aula, o que facilitou muito. No entanto, apesar disso, o educador precisa saber Libras também. Afinal, é importante a intervenção do educador, e como ele pode fazer isso sem a língua em que a criança se comunica? Antes eu me preocupava de o tempo todo sinalizar enquanto dava a aula e isso é muito complexo. O intérprete agora está constantemente com a Rebeca e como meu mediador, porque preciso às vezes de ajuda com a língua. Mas, na maior parte do tempo, eu consigo trabalhar bem com ela. Fiz cursos e quero me especializar, quero me tornar intérprete também, porque gostei muito desse trabalho.



Mediação: o intérprete de Libras auxilia a interação entre a professora de sala de aula e a aluna surda.





Para todos: o uso de recursos visuais e concretos torna a atividade interessante para todas as crianças.

Em sala de aula, não tem muito segredo. As atividades que dão certo são aquelas apoiadas em imagens e coisas concretas, mostrando o objeto ou a representação dele. Por exemplo, estamos trabalhando neste momento um projeto chamado Mini-mundo. Nesta etapa, estamos aprendendo sobre a natureza. Ao trabalhar com os animais, apresentamos alguns e como vivem na natureza. Brincamos fazendo a mímica do bichinho, mostramos o sinal dele em Libras, trabalhamos com um bicho de pelúcia, com uma plaquinha que leva o nome dele escrito e também mostramos a figura do animal real. Em seguida, fizemos um jogo da memória com as ilustrações, mostrando os conceitos de animais selvagens e domésticos. Todos os alunos se envolvem nesse tipo de atividade, que contempla as necessidades da Rebeca e de toda a turma. Hoje em dia vemos os surdos em todos os lugares. Antes, não víamos porque estavam isolados. E a escola tem um papel fundamental nisso.

**Mônica Ramos de Souza Santos**  
Professora da Rebeca, do 1º ano





Professora de Libras  
**Mayra Garcia  
Pereira Silva**



Mãe da Rebeca  
**Roseilda Ivanilda da Silva**



Intérprete de Libras  
**Sergio Luiz Gonzaga**



Mãe do Nicholas, colega de turma de Rebeca  
**Simone Cristina de Camargo**



Professor de Libras  
**Janus Liuzzi**



## “A Libras aproximou Rebeca de sua mãe”

Assumi como educadora de Libras da EPG Chiquinha Gonzaga em agosto de 2013. Dou aula para as crianças surdas e ouvintes; para os educadores, gestores e alguns funcionários; e, fora do horário de aula, para crianças surdas e suas famílias. No início, as crianças estranharam um pouco a mudança de educador, mas logo já começaram a participar. Quando chego na sala de aula, eles correm, brincam e conversam comigo em Libras – o que indica que o trabalho feito anteriormente deu frutos. Sinto que eles estão aprendendo e estão à vontade. Os pequenos levam esse momento como diversão porque a aula de Libras é muito visual e também uso jogos e brincadeiras para ensinar.

A Rebeca está indo muito bem, conversa bastante em Libras com sua melhor amiga, e vejo que os outros colegas de turma estão começando a conversar mais com ela, pois estão aprendendo bem a língua. O que também ajuda essa interação entre os alunos a ir cada vez melhor é a inserção do intérprete em sala de aula. Ele não só auxilia no desenvolvimento da aula, mas ajuda a Rebeca a se sentir mais enturmada enquanto seus coleguinhos ainda aprendem a Libras.

Também estou ministrando aulas para as crianças e suas famílias, o que está sendo muito positivo. Costumo utilizar jogos, focados primeiramente no aluno surdo. Então, convido a família (na maioria das vezes quem vem é a mãe da criança) a participar. A mãe da Rebeca está aprendendo aos poucos. Ela entende bem o que a filha diz, mas ainda tem dificuldade de dar respostas em Libras. Percebo que a relação das duas tem sido mais próxima porque a Libras oferece melhores condições de comunicação entre as duas. Acho que o trabalho de construir uma escola bilíngue é difícil, muito desafiador, mas importante. A escola inclusiva permite que todos convivam juntos no mesmo ambiente.

**Mayra Garcia Pereira Silva**  
Professora de Libras

## “Um ambiente bilíngue é fundamental”

Comecei a atuar como intérprete para a Rebeca em setembro de 2013. Ela é uma aluna bem tímida. Na primeira semana, todos passamos por um processo de adaptação. Como ela tinha o hábito de estar totalmente focada na educadora durante a aula, demorou alguns dias para ela direcionar sua atenção para mim, compreendendo o meu papel na sala de aula. Isso também se deu com os alunos. Uns acharam que eu era um aluno novo na turma. Já a melhor amiga da Rebeca ficou preocupada, pois imaginou que minha presença fosse interferir na amizade das duas (até então, era ela quem ajudava a Rebeca quando a amiga precisava de uma mãozinha para se comunicar).



Depois dos primeiros dias, todos entenderam a dinâmica e começaram a interagir e me solicitar. Os amigos mais próximos têm costume de conversar diretamente com a Rebeca em Libras. Porém, quando esquecem algum sinal, pedem minha ajuda. Com isso, a Rebeca tem se soltado mais e se sentido mais segura em sala de aula. A dinâmica de trabalho flui com tranquilidade. Como a educadora Mônica tem conhecimento de Libras, muitas vezes ela se dirige diretamente à Rebeca sem problemas. No entanto, como não é possível falar em língua portuguesa e sinalizar ao mesmo tempo, minha função é traduzir a aula dada pela Mônica em Libras e intermediar a comunicação entre todos. A educadora Mônica é muito dedicada. Ela já planeja as aulas pensando em como criar atividades que sirvam a todos os alunos, mas que atendam as necessidades da Rebeca. Algumas vezes, trocamos experiências, pois já atuo há sete anos como intérprete.

Trabalhar com crianças em processo de alfabetização tem sido muito interessante, pois minha experiência sempre foi com jovens e adultos. Vejo que a educação inclusiva em um ambiente bilíngue é fundamental para as crianças surdas. Ao longo da minha experiência, conheci muitos adultos que não tiveram essa oportunidade e acabaram tendo dificuldades. A inclusão escolar possibilita ao aluno surdo uma vida acadêmica melhor, pois esses alunos estão efetivamente aprendendo duas línguas: a Libras e a Língua Portuguesa. Além da autonomia e do pertencimento social, a inclusão se dá na convivência entre todos, no mesmo meio social, sem segregação. É preciso inserir surdos e ouvintes na sala regular, garantindo todos os recursos e apoios necessários ao processo de escolarização.

**Sergio Luiz Gonzaga**  
intérprete de Libras

## “Minha filha faz parte do mundo”

Eu tive quatro filhos. Os três primeiros começaram a falar quando tinham por volta de um ano, e estranhei quando a caçula Rebeca, já com um ano e dois meses, não falava nenhuma palavra. Descobri que ela é surda porque, ao acessar um programa de assistência social da prefeitura, onde eu retirava uma cesta básica, o atendente estranhou que a Rebeca não respondia a suas brincadeiras. Então, ele me pediu para deixá-la de costas enquanto ele fazia diversos barulhos, com panelas e outros objetos. Ela não notou e então ele me disse que ela não ouvia. O assistente social enviou uma carta à pediatra, solicitando encaminhamento a um otorrinolaringologista.

O exame mostrou que ela só ouvia 20% com o ouvido esquerdo. Com o aparelho auditivo, ela hoje consegue ouvir barulhos altos, como um motor ligado. No começo eu fiquei preocupada porque a gente sabe que existe preconceito e porque eu achava que ela tinha uma doença. Mas hoje não penso mais assim. Minha filha é saudável e ela faz tudo: brinca, estuda, conversa, põe sua própria comida e se comunica do jeito dela. A gente se entende e fico muito feliz porque ela está numa escola inclusiva.



Ela já estudou em outras escolas, pois foi matriculada desde a creche. Mas foi em 2012, aos seis anos, que ela teve a oportunidade de estudar numa escola que oferece tudo o que ela precisa. No começo, ela chegava em casa se comunicando cada vez mais, fazendo gestos estranhos, que eu não conhecia. Quando a escola me chamou para conversar, eu fiquei sabendo que aqueles gestos eram sinais. Fui convidada a participar do curso de Libras e tudo mudou. Passei a me dar melhor com a Rebeca, porque foi possível me comunicar até mesmo em coisas simples, como falar os nomes das frutas e dos objetos.

Eu aprendo mais com ela do que ela comigo. Como ela está sempre em contato com a Libras, às vezes não entendo o que ela diz e então ela aponta e me ensina o sinal das coisas. Quando faço um sinal errado, ela me corrige. A educadora de Libras me deu uma pasta cheia de imagens e de letras. Isso também ajuda a família a se comunicar com a Rebeca. Ela já sabe escrever e isso me deixa muito orgulhosa. Minha família, que achava que a Rebeca não faria muitas coisas, está espantada de ver o quanto ela aprendeu na escola.

Eu espero o melhor para o futuro da minha filha. E, por tudo o que estou vendo, tenho certeza de que eu vou ter ainda muitas outras surpresas. Conheço gente que tem filho com deficiência que não o deixa nem sair de casa. E eu digo que esse tempo já passou. Outras pessoas me falam para eu matricular a Rebeca em uma escola só para surdos. Não quero isso. Prefiro que minha filha estude com tudo mundo, pois ela tem que fazer parte do mundo como ele é. Para todas as pessoas que eu conheço eu falo do trabalho que fazem na escola da Rebeca: uma escola que ensina Libras e que recebe todo mundo junto. Acho que esse é o caminho para acabarmos com a discriminação.

**Roseilda Ivanilda da Silva**  
mãe da Rebeca



Em família: a mãe e o irmão de Rebeca aprendem a se comunicar em Libras nas aulas oferecidas pela escola.



## “Precisamos acabar com a segregação”

Certo dia, meu filho Nicholas chegou em casa me contando que tinha uma colega surda e que eles iam aprender a se comunicar com ela por sinais. Ele me mostrou alguns sinais e achei aquilo incrível. No início, quando conheci o trabalho, eu imaginava que as crianças surdas teriam dificuldades de acompanhar. Mas vi que, com as aulas de Libras e com o intérprete, elas conseguiam ir bem nas aulas. Percebi que as outras crianças achavam aquilo natural.

Acredito que é muito importante para as crianças com deficiência estudarem numa escola inclusiva. No caso das crianças surdas, é fundamental a presença do intérprete de Libras em sala de aula porque isso dá mais independência a elas. Já para as outras crianças, além de conviver com as diferenças, elas aprendem um segundo idioma, o que é muito relevante para a vida. Meu filho adora a Libras e até me estimulou a fazer algumas aulas. Consegui participar por cinco meses. Precisei parar por motivos de trabalho, mas quando surgir outra oportunidade eu voltarei a fazer as aulas, pois gostei muito.

Confesso que, antes de matricular meu filho na escola pública, eu estava receosa. Mas me surpreendi muito. Ele entrou no Estágio 2 sem saber escrever o próprio nome. Em um mês ele aprendeu, o que prova o trabalho competente da escola. A gestão e os educadores são muito próximos, sempre nos explicam o que estão fazendo e nos mantêm informados sobre o que acontece na escola.

Na minha época de aluno, havia muito preconceito. Não deixavam a gente sequer chegar perto de uma criança que tinha deficiência. Pessoas com deficiência eram excluídas, educadas em salas ou escolas separadas. Agora não, estão todos juntos. E nossos filhos estão aprendendo o respeito na escola. A sociedade precisa acabar com a segregação. Se a escola vai formar seres humanos, é nela o lugar onde a inclusão precisa começar, para acolher a todos, para garantir um ambiente em que todos se sintam confortáveis. Eu me coloco no lugar dos pais que têm filhos com deficiência e fico feliz de saber que existem escolas que dão todo esse apoio.

**Simone Cristina de Camargo**  
mãe do Nicholas, colega de turma de Rebeca

Viva a inclusão: Roseilda (à esquerda) e Simone (à direita) celebram a convivência entre seus filhos Rebeca e Nicholas.





# “Me sinto feliz por ter participado dessa construção”

Quando comecei a trabalhar na EPG Chiquinha Gonzaga, em 2011, a escola ainda não tinha profissionais que dominassem a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Logo que cheguei, iniciei o trabalho com uma menina surda matriculada na Educação Infantil. Ela não conhecia Libras e se comunicava, basicamente, apontando para o que queria ou fazendo gestos. Ela era uma criança muito retraída e, aos poucos, foi percebendo que eu também era surdo e que eu usava sinais para me comunicar. Nas aulas, a menina desviava o olhar toda vez que eu olhava para ela. Por isso, eu ensinava a turma sem me dirigir a ela. Dava a aula toda observando-a pelo canto do olho, para evitar que se retraísse. Conforme as aulas ocorriam, ela passou a imitar os sinais de forma tímida, com as mãos abaixadas ou escondidas junto ao corpo. Eu sequer poderia elogiar se ela acertasse o sinal, pois logo se retraía e parava de sinalizar. Foi um trabalho desafiador para mim, pois eu precisava ensinar Libras àquela criança – cujos pais eram ouvintes e também não sabiam a língua. Mas tudo correu bem.

Um ano e meio depois do início do trabalho chegou outro garotinho surdo à escola. Isso foi muito importante para a menina, pois ela percebeu que ambos tinham a mesma característica (a surdez) e poderiam se comunicar. Ao mesmo tempo em que ensinava as crianças surdas e ouvintes, eu enfrentava outro desafio: ensinar Libras também às famílias dos alunos surdos, aos educadores, aos gestores e aos funcionários da escola. A educadora Mônica, que hoje dá aulas para a Rebeca, sempre foi muito dedicada aos estudos da língua. Outra educadora que foi, aos poucos, gostando das aulas foi a Ana Paula, que atualmente também tem uma criança surda em sala de aula.

No tempo em que estive na escola, também dei aula a outra menina, que não sabia Libras e chegou sem conhecer nenhuma língua. Ela só apontava ou chorava. Recentemente, encontrei com ela em outra escola, para onde fora transferida após um ano na EPG Chiquinha Gonzaga. Fiquei muito emocionado, pois ela, mesmo tendo me conhecido quando ainda era muito pequenina, lembrou-se de mim. Disse, em Libras, que eu a tinha ensinado “lá no começo”. Eu me sinto feliz por ter participado dessa construção, de ter tido a oportunidade de trabalhar com educadoras interessadas em aprender Libras, de ter podido ensinar as crianças surdas e ouvintes essa língua.

**Janus Liuzzi**  
educador de Libras



## “A parceria com o AEE é rica”

O Everton tem síndrome de Down e está na nossa escola desde o berçário. No começo foi difícil para mim, pois tenho 31 crianças em sala de aula e imaginava que não teria tempo para atender a todo mundo. Mas isso passou. Hoje crio as atividades pensando no grupo e não faço nada separado para ele. Assim, ele participa de tudo e do jeito que ele consegue (o que para mim já está valendo). Trabalho também a autonomia: peço que pegue a agenda na própria mochila, que se sirva na hora da merenda, que tome água com sua canequinha, que saia para lavar as mãos, que forme fila junto com os demais, e ele tem se saído bem.

Dentro e fora: Everton aprende sobre este conceito ao colorir o desenho de uma maçã seguindo a linha de seu contorno.





Everton fala pouco, não elabora frases muito longas, mas entende bem o que falamos e consegue responder a tudo. Fazemos leituras de histórias, cantamos (ele adora cantar e dançar em roda!), e eu sempre peço que as próprias crianças contem histórias, inclusive ele. São atividades comuns, dadas a todos, para o desenvolvimento da oralidade.

Às vezes, ele vem à lousa e a preenche com a letra “A”, o que demonstra que ele já está bem estimulado a escrever. Quando descobri que ele gostava de dançar, pois vi o quanto música lhe chamava a atenção, passei a realizar mais atividades desse tipo. Ele dança, participa, canta. De algumas brincadeiras ele também gosta, como gincanas. O Everton gosta de pintura e já tem conseguido delimitar bem o espaço na folha ao pintar.



Mexendo o corpo: Everton gosta muito das atividades que envolvem música e dança.

Houve uma época em que ele estava evacuando e precisava de cuidados de higiene e tive a ajuda de uma estagiária. Agora isso já parou e não preciso mais de ajuda. No entanto, ele ainda não pede para ir ao banheiro e a gente tem de observá-lo e levá-lo em horários estratégicos, como depois do almoço ou do lanche. Às vezes, o Everton põe a mãozinha na frente, mas nunca sei quando ele quer ir ao banheiro ou quando está dançando Michael Jackson (pois o adora).

A parceria com o AEE, para mim, tem sido muito rica. Outro dia, a Luciana, educadora do AEE, mostrou fotos que ela havia tirado quando estávamos plantando uma hortinha. Em uma das fotos, o Everton estava auxiliando os amiguinhos no plantio. Foi importante ver aquilo. Em sala de aula, ele não



demonstra esse lado, pelo contrário. Percebi que devo criar mais oportunidades para que ele também ajude, e não só seja ajudado. Vejo também que o AEE tem ajudado o Everton em outras questões. Antes, ele não assistia a nenhum filme até o fim, tirava o cadarço do sapato, se jogava no chão. Agora, ele já consegue ver filmes por mais tempo, sua concentração melhorou e seu comportamento também. Essa troca entre dois educadores sobre o que eles veem sobre o mesmo aluno é muito rica e tem me ajudado em relação a outras crianças. Eu tenho um aluno, por exemplo, que eu imaginava ser público-alvo do AEE. Mas a Luciana veio até a sala, observou o menino trabalhando, conversou com ele e me mostrou que não era o caso. Que era uma questão de atenção que deveria ser trabalhada. E estamos indo bem.

O trabalho com os pais também é importante. Teve uma época em que o Everton começou a fazer carinho e depois morder os amigos. Achei muito importante a postura de uma mãe cuja filha havia sido mordida. Ela compreendeu que o Everton tem deficiência e conversou com a filha. Depois do episódio, a menina estava com medo e o evitava. De um tempo para cá, ela perdeu o medo e até passou a cuidar dele. Ela fica de olho para ele não comer a massinha, por exemplo. E acho que isso tem a ver com a postura da mãe, que entendeu o trabalho que a escola faz. Com a mãe do Everton, o trabalho também tem caminhado bem. No começo deste ano letivo(2013), ela estava muito preocupada e



Hora da merenda: Everton é estimulado a fazer suas atividades na escola de forma autônoma, como servir-se e comer.



chegou a nos pedir que a estagiária do ano anterior continuasse com ele, pois era a quem o menino era apegado. Ela sentia receio pelo filho estar em uma sala de aula com mais alunos e, no entanto, ela foi ficando confiante com o tempo e já nos contou o resultado: o Everton anda mais danado em casa.

**Valdinéia Joana Dias**  
Professora do Everton, do Estágio I

## “O AEE ajuda a ver o simples”

Antes de contar a respeito do trabalho que venho desenvolvendo com o Everton no AEE, gostaria de abordar uma questão que considero fundamental: a gestão escolar. Aqui, temos abertura para momentos de reflexão, as gestoras acompanham o que está acontecendo na escola, no trabalho em sala de aula. Sabem se o aluno está sendo respeitado e isso é algo muito importante. Afinal, o desenvolvimento da criança passa pelo respeito ao seu ritmo e à sua maneira de aprender.

Eu, no papel de educadora do AEE, sou envolvida nas discussões da escola. Sempre conversamos sobre o andamento das crianças, e as educadoras falam muito sobre o quanto o AEE traz mudanças e melhorias para o trabalho em sala de aula. É gratificante, pois sabemos que a falta de respaldo muitas vezes é o que dificulta o trabalho na educação inclusiva. Aqui eu tenho condições de conversar, fazer observações, trocar ideias com os educadores, o que rende frutos para a prática ao longo de todo o ano letivo. E muitas vezes estamos falando de coisas simples.

Oralidade: ao perguntar coisas comuns, como a cor do lápis, a professora de AEE estimula a oralidade do menino.





Identidade: ao ver suas fotos com os amigos, Everton reconhece a si mesmo e também desenvolve a oralidade.



Sobre o trabalho com o Everton, eu o atendo desde julho de 2013. Ele apresenta a fala bem comprometida. As prioridades do trabalho no AEE têm sido a oralidade e o apoio à educadora sobre as atividades em sala de aula. Nas atividades, pergunto o tempo todo coisas corriqueiras, como de que cor é o lápis que ele escolheu para pintar, quem é o personagem da história que estamos lendo ou o que um personagem fez. Para trabalhar a questão da identidade, costumo fotografar o aluno em atividade coletiva e depois mostrar as fotos para ele no computador. Pergunto, por exemplo, quem está na foto, quem são os colegas que estão ao lado, o que ele e os colegas estão fazendo. Isso também desenvolve a oralidade, trabalha a retomada de acontecimentos passados e estimula o Everton a entender o conceito do eu, pois ele tem o costume de chamar a si mesmo na terceira pessoa.

A educadora dele, Valdinéia, é muito aberta às minhas orientações em relação ao seu trabalho em sala de aula. Outro dia, por exemplo, ela me mostrou uma atividade que daria aos alunos para que eles aprendessem o conceito de dentro e fora da linha. Então, passei cola quente no contorno do desenho dele, para delimitar o espaço e ajudá-lo na tarefa. No AEE, fui trabalhando o dentro e o fora em outros contextos, como brincar usando os quadrados do piso da sala de aula. Ele ainda está elaborando o conceito e está avançando. Estou trabalhando com a educadora também a mediação das atividades propostas e o uso do computador para a aprendizagem das letras do nome dele e dos colegas.

O Everton gosta de coisas prontas, ou seja, rejeita passar pelo processo de construir coisas. Então, trabalho no AEE com peças para ele montar formas geométricas e perceber que ele tem condições de construir. Ele já está indo melhor



em pintura e responde bem às propostas de atividade. As questões de interação e de socialização dele são bem tranquilas. Ele tem os conceitos de sim e não bem definidos, sabe os limites e respeita as regras da escola. Na sala, ele cumpre com os combinados e ainda ajuda o grupo, dizendo “agora não” ou “espera” para os amigos mais apressados. A educadora tem uma postura de sempre valorizar o que o Everton faz, o que é muito bom.

Entendo que o AEE é um serviço que ajuda a escola a ver o simples. Por exemplo: outro dia, uma educadora me disse que um aluno não brincava no parquinho. Quando cheguei lá, vi o menino sozinho, sentado. Então, levei-o até os brinquedos, para mostrar a ele como podiam ser usados e coloquei-o com os colegas em um brinquedo de rodar. A partir dali ele começou a brincar. Pode parecer meio óbvio que uma criança em um parquinho saia correndo e brincando. Mas o que é óbvio para um adulto pode não ser para uma criança. É preciso mediar. É preciso ensinar as crianças, inclusive, a brincar. Também faz parte da minha rotina orientar as estagiárias, principalmente no que diz respeito a ajudar as crianças a desenvolverem autonomia. Com a família, o trabalho também é intenso e, no caso do Everton, a parceria é ótima. A mãe diz que ele ama a escola, o que nos deixa muito felizes.

**Luciana Santana Silva Amaral**  
Professora de AEE

Histórias: no AEE, Everton ouviu histórias e fala para a professora sobre o que entendeu e sobre os personagens.

